

N.º 1

NOVELA VERMELHA

2.ª Série

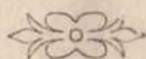
---

---

MANUEL RIBEIRO

• .....

Poder  
redentor



LISBOA—MAIO DE 1922

Secção Editorial de A BATAHA

NOVELA VERMELHA

MARQUEL FERREIRO

1907

Poeta

Leonor

ESTADO EDITORIAL DE A. BASTOS

1907



# PODÊR REDENTOR

POR

**Manuel Ribeiro**

A Novela Vermelha n.º 1

Shi

PODÊR REDENTOR

# PODÊR REDENTOR

Manuel Ribeiro

## Poder redentor

Havia já anos que a posse da herdade dos Fontainhas se arrastava em moroso litigio nos tribunais. Os poderosos senhores das Lapas reivindicavam-na, não querendo reconhecer a validade do testamento em que um seu antecessor alienára a pequena herdade, para premiar a dedicação dum feitor honrado que salvara o património dum grave risco. O pleito nunca se decidira, porém, definitivamente e os descendentes do rendeiro a quem fôra feita a doação das Fontainhas tinham-na defendido com bravura das arremetidas das Lapas e assegurado temporariamente a sua posse.

O último senhor das Lapas, o temido André Gaudência, sanguinário, feroz e fanfarrão, que em moço varria feiras a cajado e se embebedava com ciganos, picado certo dia por não sei que alusões, numa locanda, jurara entre copos de vinho e com punhadas no balcão, ganhar a demanda aos Teotónios e reconquistar as desgarradas Fontainhas de que fôra esbulhado o património por um pouco atilado Gaudêncio. E o pleito que jazia adormecido em empoeirados arquivos, desentorpeceu-se e começou a andar. A princípio aquilo seguiu frouxamente, mas atanasado pela ambição e uma avidez sôfrega que se lhe desencadeou na alma ruim, André Gaudêncio, enraiveceu se e a luta recrudesceu feroz.

Este André Gaudêncio tinha quasi cincoenta anos. Sua mulher — uma doce e piedosa menina da Braciosa que êle sovara na própria noite de núpcias, morrera de desgostos um ano depois do casamento, deixando Maria Luísa que era hoje nas Lapas, com os seus encantadores dezoito anos, a Luisinha venerada por creadas e caseiras.

Quanto Maria Luísa era dócil e de boa índole, em tudo o retrato da infausta Anita da Braciosa, tanto o pai era

brusco e assomadiço, violento e cruel, com um temperamento cúvido de ave de rapina, cujas afiadas e carnicieiras garras se tinham feito bem duramente sentir três léguas à roda. O seu nome era o anúncio duma peste assoladora. Odiavam-no tanto quanto o temiam.

A idade fizera-o avaro, interesseiro, duro e traficante. A sua ganância não conhecia limites. Era o maior usurário das redondezas e toda a fortuna acrescentada ao património já imenso das Lapas vinha das execuções implacáveis dos seus devedores nos quais cevava a sua cupidês de abutre. Fizera das Lapas uma banca de chitim e com os ardís de um onzeneiro repelente devorara a pouco e pouco os pequenos proprietários incautos, sorvera as terras, os casais e herdades, numa ância louca de expansão e alargamento que era uma febre no sangue dêle. E foi assim que êle fincara a garra e arrepanhara para o seu fojo o Carrascal, as Casas-Velhas, o Sobralinho, os Louriçais, e outras propriedades na conyisnhança das Lapas.

Isolados, divididos, os pequenos proprietários, com processos rotineiros que não podiam acompanhar os encargos crescentes da produção, entregavam-se sem remédio nas unhas aduncas da usura e por mais que evitassem o vampiro das Lapas, acabavam sempre por cair-lhe na alçada, senhor, o Gaudêncio, de todas as dívidas e hipotecas por endossos maliciosamente negociados e em estratagemas vís.

Com o dobrar dos anos recrudescia em André Gaudêncio esta f.bre doida de amontoar que o devorava e parecia querer absorver também as próprias aldeias e fazer delas um feudo à maneira antiga. Mas diante das aldeias, como um baluarte altivo desafiando a raiva do Gaudêncio, erguiam-se as Fontainhas invencíveis, com todo o prestígio da sua resistência heroica. E isto enfurecia ainda mais o harpagão das Lapas.

Era o Joaquim Teotónio — o Tio Teotónio — descendente do feitor honesto galardoado pelos seus bons préstimos à Casa das Lapas, que guardava agora as Fontainhas. Muito sério e muito digno, Tio Teotónio, devia ao sangue da sua raça o compromisso sagrado de defender até à morte a casa onde nascera e que por um maior direito do que o legislado em códigos lhe pertencia e à sua geração.

As Fontainhas, simples e belas na sua rústica simplicidade, eram o lar patriarcal onde haviam brotado as gerações heroicas dos servos da gleba que tinham edificado

com a sua vontade, a sua dedicação e o seu sangue a grandeza senhorial dos Gaudêncios. Das Fontainhas saíam sempre os auxiliares, braço direito dos barões das Lapas. Viera daí a dinastia de feitores que em mais duma conjuntura pela sua prudência, tato e saber, tinham salvo em períodos anormais de vicissitudes e decadências, o velho património solarengo. E fôra num desses graves momentos em que o Senhorio periclitara, que um Gaudêncio, o velho Geraldo, alienara uma parcela do património como se quizesse — mais do que recompensar a dedicação dum servo — infundir na raça das Fontainhas o mesmo sangue irmão das Lapas, e elevar até à imeniência senhorial ao lado da qual se batera com brilho e honra, essa dinastia heroica dos cooperadores esforçados e hum ldes a quem as Lapas deviam tudo.

Como eram lindas as Fontainhas! Estou a vê-las em tôda singeleza primitiva e encantadora. O casal pousava num alto com toldos verdes de parreiral na fachada do sul e pelas encostas desciam boas terras de cultura mosqueadas de oliveiras. Em baixo, num vale, alargava-se a mancha fresca dum pomar de figueiras, lorangeiras, pereiras e macieiras. Sebes de canaviais flexíveis e rumorosos bordavam o barranco onde se abriam poços para as regas estivais.

A ressurreição da demanda alarmou as Fontainhas. A senhora Felizarda, mulher do Teotónio, e as suas duas filhas choravam silenciosamente pelos cantos. Pedro, o outro filho, sobressaltou-se por causa de Maria Luísa. O que êle gostava dela! Só o Tio Teotónio ficara calmo preparando-se para a borrasca. Nunca o Tio Teotónio trocara falas com André Gaudêncio, descobrindo-se todavia com a humildade hereditária de servo sempre que via o lavrador André. A desvinculação dos Teotónios da intendência das Lapas nunca fôra acatada e a soberba dos antigos amos não reconhecia foros de legitimidade à rebeidia orgulhosa dos emancipados servos das Fontainhas.

Romperam-se as hostilidades a valer e começou então a luta, encarniçada, luta de morte, onde todos previam trágicas conseqüências. A grande influência territorial do senhor das Lapas e o seu dinheiro faziam vacilar os tribunais e era também a poder de dinheiro que Tio Teotónio repunha as coisas no seu lugar, não que contasse disputar o triunfo num duelo d'oiro que lhe seria impossível sustentar com o riquíssimo onzeneiro das Lapas, mas confiante que a justiça recta se sobrepuzesse um

dia às chicanas do adversário indigno e a sua última palavra fôsse para êle.

O estado de guerra entre as Lapas e as Fontainhas tinha-es refletido sobretudo no coração de Pedro—o filho de Tio Teotónio, e no de Maria Luísa, — a filha de André Gaudêncio. Pobres corações! Desde muito novos que eram amigos e cresciam juntos, com essa liberdade das crianças das aldeias sem os entraves convencionais da civilização. Ao vir das Lapas sósinha para a escola da sr.<sup>ª</sup> Ana Chaves na aldeia, Maria Luísa, de caminho, levava sempre a reboque o Pedro que frequentava a escola do sr. Fulgêncio, e na volta, como pássaros ébrios em rustilhados vôos, folgavam à rédea solta pelos campos e nas ribeiras.

A vida nómada que ambas tinham levados!

Perdiam-se nas charnecas sorvendo o sumo vermelho dos medronhos. iam juntos para a malhada dos Palheiros ouvir o tio José Pratas, que era o maioral mais velho das Lapas e andava vestido de pele de ovelha como um eremita do deserto, tão velhinho e trôpego que não saía já dos Palheiros e passava os dias a tecer esteiras de tabúa para cobrir os colmos das malhadas. Que lindos contos de reis, de rainhas e princesas que êle contava, e como sabia lêr nos astros e conhecia as estrêlas tôdas!

E os dois vádios, tam turbulentos e traquinas que nunca estavam quietos, ficavam-se pensativos e extáticos ouvindo boquiabertos as histórias encantadas do vélhinho envolto num surrão veloso, e vendo chegar a noite fosforescente com a pedraria fina dos céus de agosto, a estrada de S. Tiago juncada de pétalas brancas, e deitado no horizonte, ao sul, o grande cálice de Escorpião expluindo a sua girândola de astros ardentes!

A primavera passara muitas vezes peneirando neve nos pomarés, esmaltando de safira o verde tenro dos linhais e estrelando de borboletas brancas o bronze duro das charnecas. As medronheiras tinham sangrado muitos rubis e nos vales umbrosos mais duma vez garganteara o trilo apaixonado dos rouxinóis, e argamassados de tôdos êstes indutos de emoções, de todas estas seivas que fluíam da terra, irmãos das águas que murmuravam, das aves que cantavam e das árvores que floriam, Pedro e Maria Luísa tinham crescido enamorados de si e de todas as belas coisas que vinham da terra e os vinculavam à terra. Sob a abóbada côr de rosa dos seus peitos as suas almas brilhavam scismadoras de sonhos, como

por sôbre as maravilhas da terra, na curva do céu, scintilavam pensativas e graves, as estrêlas.

Fôra numa noite de Setembro, abafada, de calmaria que alguma coisa falara neles sem palavras. Era a festa da Senhora de Araceli na ermidinha pousada como uma pomba branca no bico da serra, lá para as bandas de Alcariz, muito distante, ao sul. Havia fogos de artifício na serra e tinham ido ambos, como nos outros anos, para o cerro dos Picotos, contemplar lá longe na escuridão da noite, a explosão silenciosa das peças e foguetões de côres.

A noite abrasava cálida, mas dum barranco próximo subia um cheiro fresco de mentastro e arreçá. Todo o céu estremecia, bulia vivo na scintilação dos carbunculos d'oiro afogados aquela noite numa tenue pulverização prateada. Nunca houvera tantas estrêlas. Era uma pualha tam espessa que a via-láctea quási se não distinguia inundada por esta espuma branca que fluía do fundo das imensidades celestes e se espreadava céus em fora como a ondulação das vagas numa praia.

Mudamente Maria Luísa e Pedro fixavam o horizonte, à espera, e eram de quando em quando cascatas de pérolas que se despenhavam como se estivesse caindo sôbre a serra uma chuva de estrêlas. A grande distância absorvia muito de intensidade luminosa, mas o que interessava era a explosão silenciosa das gerbas d'astros que se acendiam de súbito e desfolhavam lentamente, na sombra, as suas pétalas d'oiro sôbre a terra muda.

E na quietação e no silêncio, os seus corações tinham entrado em confidência no diálogo mudo das palpitações, e tais coisas se disseram que quando abalaram aquela vez dali se tinham feito uma mútua confissão sem que os seus lábios trocassem uma só palavra...

Assim se tornara neles consciente o amor.

A demanda que estalara entre as duas casas viera romper o doce idílio dos desoito anos que, fecundado pelas suavidades líricas das primaveras florira uma noite estreada, numa chuva de oiro. Pobres corações inocentes apartados pelo insensato delírio de oiro!

\* \* \*

Aquilo marchava agora a galope. A batalha interessara tôda a aldeia e os povos circunvizinhos que apoiavam as Fontainhas na sua luta contra as Lapas.

André Gaudêncio enraivecera-se e dispendia dinheiro à doida para obter decisões que contrariassem o andamento recto da justiça favorável ao antagonista. Tio Teotónio sempre calmo, certo de que razão lhe seria dada, começava todavia a inquietar-se. Para contrabalançar os efeitos perniciosos da chicana, o lavrador das Fontainhas consumia também importantes somas e o seu peculio esvaía-se abrindo brechas por todos os lados. Não seria aquilo afinal a luta da panela de barro e da panela de ferro? Não iria êle succumbir impotente contra o poderio enorme do André Gaudêncio? Não era melhor ceder e salvar da catástrofe o que lhe restava ainda? A razão porém revoltava-se. Transigir era duvidar da justiça e do direito; era descrer da infalibilidade da lei, da integridade dos juizes, da incorruptibilidade dos tribunais. A razão estava do seu lado, justiça ser-lhe ia feita. Uma decisão favorável reanimava-o, mas logo um outro acórdão contrário derruía as suas esperanças como um castelo de cartas.

André Gaudêncio redobrava de esforços à medida que o litigio ia tocando a méta.

Tio Teotónio resistia sempre obedecendo à voz do sangue superior agora ás advertencias da razão que lhe mostrava já o abismo escancarado aos pés. Mas resistiria, resistiria, sempre até ao último alento, até ao último ceutil; e no sorvedoiro, as três juntas de bois tinham desaparecido e atrás delas tôda a colheita do ano, as duas parelhas de muares, dois cavalos de sela, todo o trem da lavoira. Um momento o pleito esteve hesitante entre os dois contendores, mas num arranco do das Lapas pôs-se em marcha vertiginosamente para a decisão final.

Foi então que tio Teotónio reuniu a família em conselho, não porque hesitasse e tivesse medo, mas para supplicar um derradeiro esforço. As mulheres choravam angustiadamente. Pedro ameaçava matar o André Gaudêncio. Mas num apêlo comovido, confiado ainda de que a justiça acabaria por triunfar, tio Teotónio pediu, supplicou, rogou um último sacrificio. E o oiro das mulheres, as pratas e valores, as arcas recheadas do bragal de séculos, tudo foi atirado num lance desesperado à guela insaciável da justicia.

A causa deteve-se algum tempo, parada na digestão da grossa posta; mas o das Lapas ripostou, e um dia inesperadamente, os officiais da justiça trazidos à sucapa da sede da comarca pelo André Gaudêncio apresenta-

ram-se de surpresa nas Fontainhas com a cópia da sentença que despojava os Teotónios da posse da herdade, e arrogantemente, escarnejadamente, davam-lhe ordem de despejo no curto prazo dalguns dias.

Nas Lapas festivamente estralejara foguetório; e o luto caía pesadamente nas pobres almas das Fontainhas. Tudo se perdera! Tio Teotónio ficara pasmado, sem uma palavra, um gesto, uma contracção. A catástrofe aniquilara-o.

\* \* \*

Era um domingo de Abril de temperatura suave, ar calmo e subtis prelúdios de ninhos nas folhas novas das árvores. Uma maturação precoce encorpava já nas terras magras de encosta as cevadas altas e esgrouviadas, mais ardentes e lascivas do que os trigos, ainda núbeis e tenros, desenvolvendo-se muito unidos e iguais, com um verde mais tímido, na macieira das terras gordas da planície.

O dia tinha uma transparência de cristal e parecia invadido por uma onda de claridade que alastrava para as alturas dissolvendo as brumas da manhã. E nesta luminosidade as árvores recortavam nitidamente no horizonte a sua renda fina de bronze.

Tio Teotónio, que não dormira nada em tóda a noite, levantara se com um pensamento fixo. Indeciso ficara algum tempo pregado no portal olhando vagamente o sol que vinha rompendo para os lados das aldeias. Depois deambulara em direcção aos montados para a banda de cima das Fontainhas. Para que queria êle agora a vida? A sua vida era aquela terra onde nascera e se creara, que êle tinha amado e fecundado com o seu esforço e o seu amor, e donde a maldade dos homens e a versatilidade dos seus juízos iam expulsá-lo como a um cão danado.

Os seus olhos humedeciam-se na saudade daqueles campos tam calmos, tam serenos, onde tranquilamente germinavam as sementes que o sol ia doirar com os seus beijos de fôgo e transformar em pão. Que mal tinha êle feito? O seu braço andara tóda a vida a abençoar a terra no carinhoso gesto de crear e semear. Só quizera o bem; só fizera bem. Creara uma família com o amor são da sua natureza boa e sã. O seu trabalho fôra honesto e

fecundo nas lides sagradas da terra. Porque o expulsavam então da terra? Porque eram tam maus para êle?

Internara-se na Charneca e lentamente sacando uma corda do bolso lançou-a ao tronco forte dum chaparro. Tinha tremuras, convulsões. Em roda o sol começava a alargar tudo de oiro. Pares de borboletas pousavam nos cálices brancos das flores das estevas; aves chalravam nas ramagens das azinheiras que uma tenue pualha de oiro enternecia, tornando-as menos tristes e sombrias. Era a vida a cantar, a vida formilhante e creadora. Os fenos embalsamavam o ar. A corrente duma fontinha próxima no barranco cantava a sua humilde canção bucólica e atrás dêsse fio plangente iam-lhe os pensamentos como pétalas vogando inertes, arrastadas. Ruídos longínquos chegavam clarificados na vibração do ar macio e puro. Sentia-se o rodar dum carro oculto e vozes gárrulas dum rancho de mondadeiras ecoavam frescas e cristalinas repercutidas nas encostas.

Veiu-lhe uma saudade imensa de viver, de respirar. A vida da terra solidária com a vida dêle insurgia-se contra o atentado monstruoso. Mas a vontade era mais forte.

A sua juventude alegre, o amor daquela que o seu coração escolhera e lhe dera tanta felicidade, as saudades dos filhos, tudo lhe passou pela mente numa evocação saudosa, e súbito, como se quizesse morrer abraçado a esta idea querida, trepou rapidamente um tronco, meteu a cabeça na laçada da corda e precipitou-se...

\* \* \*

A nova do suicidio do Teotónio das Fontainhas, que uns mateiros encontraram enforcado no chaparro, correu veloz nas aldeias, galgou as arribanas, os montes e as herdades.

Um clamor de raiva levantou-se como um vento de tempestade. Imprecações e apóstrofes silvaram como frechas envenenadas. A indignação dos povos sombriava escurecia, como nûvem que se vai desencadear em tuções devastadores.

No largo da igreja, ao sair da missa, não se falava noutra coisa, e na taberna do Joaquim Peste os homens de faces afogueadas pela cólera e pelo vinho, rugiam, trovejavam em pronuncios de desencadeadas iras contra a

malvadez do Gaudêncio, causador daquela desgraça mais. E todos lamentavam o sacrificio da pobre gente das Fontainhas empenhando até a camisa do corpo para se salvar das garras do maldito, e o trágico fim do tio Teotónio que tinha preferido morrer a ver-se expulso da sua casa.

E atrás daquela desgraça, outras desgraças vinham ululantes, clamando vingança, bradando aos céus contra a iniquidade do monstro que a ninguém poupava, feroz. O lavrador do Carrascal, o tio José Constantino, tinha abalado pró Brasil levando numa taleiga às costas tudo o que lhe restava, depois do Gaudêncio lhe ter papado a herdade como quem esfrega um ôlho. O tio Francisco Lebre, do Sobralinho, morrera de desgosto, sem querer méshas nem provar um caldo, e os dois filhos tinham abalado também por esse mundo de Cristo e nunca mais houvera nem novas nem mandadas dêles. O Firmino das Corugeiras fôra parar à costa d'África por se ter metido nuns negócios de notas falsas, entalado p'lo vencimento dumas letras ao Gaudêncio que o ameaçava com protestos. E aquilo era um rosário que não acabava nunca.

Súbito um sino tocando a rebate na torre electrizou a multidão. A mole humana pulou como um tigre tocado por um ferro em braza. As mulheres correndo às bocadas das vielas começaram a atroar os ares com seus ganidos e lamentações excitando os homens que bravejavam raivas insofridas. A multidão engrossava, tornava-se compacta.

—A's Lapas! A's Lapas! vozearam. E como um vagalhão, a mole negra apoplética e em desordenada grita precipitou-se para fora da aldeia a caminho da herdade.

O sino chamava sempre, e das cumiadas dos cerros, pelos córregos, pelas gargantas dos vales, dos quatro cantos do horizonte os povos em tropel, num alarido de vaga revolta e de açudes que se despenham, afluíam às Lapas brandindo chuços, forcados, caçadeiras, foices roçadoiras.

—Morte ao maldito! bramiam desabridamente vozes roucas de ódio e de vingança.

E eram as Casas Velhas, Santa Lusía, a Corte Grande, os Sincerais, tôdas as herdades em bateria que concentravam a metralha do seu ódio sôbre as Lapas como sôbre um fojo de lobos carniceiros.

O cêrco apertava-se. A avalanche, rumorosa como uma cheia, despenhava-se vertiginosamente, sem fôrças humanas que a contivessem. Os mais prudentes incendiavam-

se caldeados na mesma febre de destruição e de carnagem. Maldições e pragas rompiam das gargantas como de crateras abrazadas. O ar era vermelho e espesso como turvado por exalações de sangue quente.

Nas Lapas tudo gelára de terror quando começou a ouvir-se perto o borbórinho dos povoados precipitando-se em catadupa. Num momento, os pátios, as abegorias, a herdade inteira foi invadida, tomada de assalto pelos bandos enraivecidos que quebravam, escavacavam, despedaçavam aos gritos de:

—A' morte o maldito! A' morte o cigano!

Maria Luísa e as creadas, recobrando alentos, tinham enfim fugido espavoridas à mercê dos amotinados. Mas ninguém lhes tocava, ninguém lhes fazia mal. Era no maldito, no lobo danado que descia às aldeias e mordía os povos, que queriam cevar a sua vingança. Buscavam-no por tôda a parte. Revolviam arcaes, tulhas e dornas; procuravam-no nas adegas e nos celeiros.

Clamores mais altos ressoam para os lados de abegoaria. São gargalhadas de triunfo, risos sarcásticos, exclamações de alegria. Um latagão revolvendo o palheiro com uma forquilha de ferro encontra enfim o Gaudêncio. O miserável, com os olhos esbugalhados, trémulo de pavor, supplica que o não matem; cobardemente pede clemência, êle que nunca a teve para a mais desgraçada das suas vítimas. Os bandos ripostam com ditos envenenados de ironias e cospem-lhe injurias, escarram-lhe improperios. —A' morte! — clama-se, e o latagão crava-lhe a forquilha nas entranhas tombando-o na palha.

Um chama azulada rompe a um canto. Há aplausos frenéticos. A palha crepita, arde e em pouco pega nos fenos secos, lambe o colmado e tôda o palheiro desaparece no fumo e nas laberadas. Mas já o fogo se propaga à abegoaria, aos estábulos, às arribanas, penetra nas moradia senhorial e dentro em pouco não resta mais das Lapas do que um brazeiro fumegante, estralejante, cheio de ruínas, de destroços, de desolação e de morte.

\* \* \*

A noite caíra. Uma bafagem quente de Setembro subia das restolhadas secas, da terra nua que repousava depois das ceifas, lambida por vulcânicas ondas de sol. As azinheiras, com as suas fôlhas coriáceas e fuliginosas pare-

ciam árvores de ferro forjado espetadas no chão, sem viços. Já o Escorpião subia alto no céu à direita de Alcaria Ruiva, com a sua ardente floração de astros, e Pedro subindo a encosta do cêrco dos Picotos procurava por baixo da constelação brilhante, a chuva de ouro que naquela noite da festa à Senhora da Araceli chovia sempre do céu...

Fazia um ano, naquele cêrro e naquela mesma noite, o seu coração entreabrira-se ao lado de outro coração, e florira em doces sonhos de amor, como o Escorpião, lá em baixo, em cálice, jorrava a sua floração ardente de pérolas e rubis.

Ali se sentira embriagado pelas doces vertigens da felicidade, ao lado daquela que ali não estava êste ano, que ali não voltaria mais. Como êle mudara e que irreparáveis danos o destino causara na sua vida! Vivia êle porventura agora?

Depois da trágica morte de seu pai enforcado numa azinheira, e da catástrofe que arrasando as Lapas destruíra também os seus belos sonhos, Pedro saíra com sua família das Fontainhas e fôra habitar numa casita da aldeia.

Era agora um trabalhador humilde e suas irmãs tinham já feito as ceifas dêsse ano trágico, como humildes jornaleiras nos grandes ranchos assalariados.

As Fontainhas tinham ficado desertas. Maria Luísa, destruídas as Lapas, viera também para a aldeia e posto que fôsse maior, entregara a um conselho de família a administração do patrimonio. Não fôra ela também uma vítima como Pedro? As Lapas lá estavam, em ruínas, tismadas, a desfazerem-se, amaldiçoadas por quantos lá passavam, que eram raros, pois corria que a alma penada do André Gaudêncio por ali andava aos uivos tôda a noite por nem no inferno ter guarida...

Um tenue clarão longínquo distraíu Pedro. Sôbre a serra de Araceli desfolhara-se uma rosa d'ouro... E evocava a lembrança de Maria Luísa que não poderia já ser dêle, perdida para o seu amor, para a sua ventura, pelo destino implacável, que lançara a morte entre êles, cavando mais profundamente o abismo já de si bem fundo que os separava.

Nisto um vulto sombrio assomou na curva do cêrro, por detrás duma árvore e estacou. Pedro notou a sombra e ergueu-se. O coração saltou-lhe violentamente num pronuncio vago de inexprimível gozo. Não via nada, mas uns outros olhos adivinhavam tudo. Era ela. Era

Maria Luísa que vinha ao cêrro dos Picotos, como nos outros anos, vêr a chuva d'ouro do ceu sôbre a ermida de Nossa Senhora...

Mas o que é certo é que foi êste o primeiro ano em que os fogos do ar não brilharam para os olhos dos dois namorados. Os pálidos fulgores da serra afogaram-se no maior deslumbramento das suas almas abrazadas de amor.



Foi um regosijo doido nas aldeias o casamento de Pedro e Maria Luísa e o seu regresso às Fontainhas. O campanário que tinha vibrado as suas cóleras de bronze aclamando a morte e a destruição, enternecia-se agora em gorgeios argentinos, saudando o amor, a felicidade e a paz. Mas se o amor doirava as Fontainhas, a felicidade e a paz não eram ainda completas. Um embaraço surgira entre Pedro e Maria Luísa. Era a posse das herdades que, arrebatadas pela cupidez de André Gaudêncio, pertenciam agora por lei a sua filha. Ambos sabiam por que tôrpes ardis elas haviam sido arrancadas aos seus donos, muitos dos quais, viviam agora nelas como em feudos das Lapas.

A restituição impunha-se. Ambos a queriam; ambos a desejavam ardentemente... E maior foi o regosijo nas aldeias quando ao festejar-se nas Fontainhas o nascimento do primeiro filho de Pedro e de Maria Luísa, estes renunciaram aos seus direitos sôbre todos os domínios que formavam o vasto património dos Gaudêncios.

E só então a paz reinou de facto nas aldeias e nos montes, e a felicidade desceu sôbre o lar das Fontainhas, pelo único poder do Amor—o poder redentor.

**FIM**

2.ª Série

# A Novela Vermelha

PODE REDITOR

FOR

Manuel Ribeiro

Colaboradores

Manuel Ribeiro, António Ribeiro,  
Nogueira de Brito, Paulo Faria,  
Mário Domingos, Paulo Duarte,  
Sobral de Lameira, António J.  
de Fátima, António Augusto,  
João Machado, João Soares, Gon-  
çalo Costa.

Preço, \$25 civa.

Publico e Seculo Editorial  
L. A. BATALHA

Calçada do Lavadeiro 28-A 1.ª

2.<sup>a</sup> Série

# A Novela Vermelha

N.º 1 —

**PODER REDENTOR**

POR

**MANUEL RIBEIRO**

**Colaboradores:**

Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Bento Faria, Mário Domingues, Pinto Quartim, Sobral de Campos, Cristiano Lima, Perfeito de Carvalho, Augusto Machado, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia.

**Preço, \$25 ctvs.**

*Pedidos à Secção Editorial  
d'A BATALHA*

Calçada do Combro 38-A 2.º

# A NOVELA VERMELHA

Por Júlio de Mesquita Filho

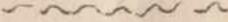
- N. 1 - A Espalçada por João de Deus
- N. 2 - Sangue Fiel por João de Deus
- N. 3 - Hugo, o filho de João de Deus
- N. 4 - O Dia Três por João de Deus
- N. 5 - O Livro do Livro por João de Deus
- N. 6 - A Festa dos Reis por João de Deus
- N. 7 - Anacleto por João de Deus
- N. 8 - A Escola por João de Deus
- N. 9 - O Mestre por João de Deus
- N. 10 - O Aluno por João de Deus

PRIMEIRO ANO DE 1950

Boleto de 10 números - 2000



# A NOVELA VERMELHA



Primeira serie:

- N.º 1 **A Expição** *por Manuel Ribeiro.*
  - N.º 2 **Sangue Fidalgo** *por Nogueira de Brito.*
  - N.º 3 **Hugo, o pintor** *por Mário Domingues.*
  - N.º 4 **Dois Tiros** *por Sobral de Campos.*
  - N.º 5 **Impossível redenção** *por A. Machado.*
  - N.º 6 **A Escola Nun'Alvares** *por Cristiano Lima.*
  - N.º 7 **Anastácio José** *por Mário Domingues.*
  - N.º 8 **A Sciência redentora** *por José Benedy.*
  - N.º 9 **O mestre geral** *por Jesus Peixoto.*
  - N.º 10 **Dor vitoriosa** *por Julião Quintinha.*
- 

**Colaboradores:** Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Julião Quintinha, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.



**PREÇO: \$25 CENTAVOS**

**Série de 10 números: 2\$50**

Shi